

A arqueologia e a leitura popular da Bíblia

Archaeology and Popular's Reading from the Bible

La Arqueología y la Lectura Popular de la Biblia

José Ademar Kaefer*

RESUMO

A importância da leitura popular da Bíblia está no fato de que ela se preocupa com a leitura contextualizada, tanto da realidade do/a leitor/a quanto do texto bíblico. A análise do contexto do/a leitor/a é o ponto de partida, a porta de entrada, para a leitura do texto bíblico. Por sua vez, o estudo do contexto histórico do texto bíblico tem a finalidade de ser inspiração para a compreensão e ação do/a leitor/a em seu ambiente a favor dos que vivem à margem da sociedade. Por isso, leitura popular. A leitura que se faz do texto bíblico depende da leitura que se faz da realidade onde se vive e vice-versa.

Contudo, as informações que o texto bíblico traz sobre o seu contexto histórico são em sua maior parte limitadas. É preciso, então, recorrer à arqueologia para compreender melhor a organização social dos povos da Bíblia. De forma que, a diligência da história é quem conduz a leitura popular a procurar a arqueologia. Não obstante, a arqueologia não pode estar em função da Bíblia, ela deve se manter independente para não comprometer os resultados de suas atividades, mesmo que estes, em não poucos casos, divirjam das informações bíblicas.

Palavras-chave: Bíblia; hermenêutica; contexto; história; arqueologia.

ABSTRACT

The popular reading of the Bible is concerned with a contextualized reading of both realities: of the reader and of the biblical text. The analysis of the reader context is the starting point, the gateway, to read the biblical text. In turn, the study of the historical context of the biblical text is intended as inspiration for the reader's understanding and action in his environment in favor of those living on the margins of society. For that, popular reading. The reading of the biblical text is dependent on the reading made of the reality in which people live and vice versa.

However, the information that the biblical text presents of its historical context are largely limited. It's therefore necessary to use archeology to achieve better understanding of the social organization of peoples of the Bible. So, the coach of the history is who leads the reading of the Bible to seek archeology. Nevertheless, archeology should not be based on the Bible, it has to be independent to avoid prejudging the outcome of its activities, even these, in many cases, diverge from the Biblical information.

Keywords: Bible; hermeneutic; context; history; archaeology.

* Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp), coordenador do grupo de pesquisa "Arqueologia do Antigo Oriente Próximo" (www.metodista.br/arqueologia).

RESUMEN

La lectura popular de la Biblia se preocupa con una lectura contextualizada, tanto de la realidad del lector, cuanto del texto bíblico. El análisis del contexto del lector es el punto de partida, la puerta de entrada, para la lectura del texto bíblico. Por su vez, el estudio del contexto histórico del texto bíblico tiene como finalidad ser inspiración para la comprensión y acción del lector en su ambiente en favor de aquellos que viven al margen de la sociedad. Por eso, lectura popular. La lectura que se hace del texto bíblico depende de la lectura que se hace de la realidad en donde se vive y viceversa.

Con todo, las informaciones que el texto bíblico nos presenta de su contexto histórico son en gran parte limitadas. Es necesario, entonces, recurrir a la arqueología para lograr conocer mejor la organización social de los pueblos de la Biblia. De manera que, la diligencia de la historia es quien conduce la lectura de la Biblia a buscar la arqueología. Sin embargo, la arqueología no debe estar en función de la Biblia, Ella tiene que mantenerse independiente para no comprometer los resultados de sus actividades, mismo que estos, en no pocos casos, diverjan de las informaciones bíblicas.

Palabras clave: Biblia, Hermeneutica, Contexto, Historia, Arqueología.

A leitura popular da Bíblia

O primeiro número da Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana,¹ publicado em 1988, foi intitulado “Leitura Popular da Bíblia”. Esse título mostrava o rumo por onde deveria trilhar o estudo bíblico latino-americano. E, de fato, a maior contribuição nesses quase trinta anos de estudo bíblico que se seguiram, foi a leitura popular da Bíblia.² Esse tem sido o diferencial e a riqueza do estudo Bíblico na América Latina e Caribe: a participação do povo. Escrevia, então, Milton Schwantes na apresentação do primeiro número de RIBLA:

Esta Revista tem como berço a vida sofrida de nossos povos e sua tenaz resistência em direção de uma existência digna e justa. As comunidades dos pobres aí inseridas constituíram-se em fermento para o conjunto da hermenêutica bíblica (SCHWANTES, 1988, p. 5).

Recentemente a Revista Estudos Bíblicos³ publicou um número em homenagem a Frei Gilberto Gorgulho, com o mesmo título: “Leitura Popular da Bíblia”. Foi o número 123, de 2014, coordenado por Tércio Siqueira Machado e Antonio Carlos Frizzo.⁴ A homenagem visa resgatar a memória de um dos fundadores da revista, cujo trabalho, tanto na faculdade quanto nos cursos populares, tinha como eixo central a leitura popular da Bíblia, pelo método sociológico. Carlos Mesters, um dos mestres da leitura popular,

¹ Designada por sua sigla RIBLA, é uma das revistas bíblicas de maior expressão, senão a maior, na América Latina e Caribe. É publicada em português pela Editora Metodista, SP, e em espanhol pelo Centro Bíblico Verbo Divino, Quito, Equador.

² Hoje a revista já se encontra no número 73 de sua publicação.

³ RIBLA e Estudos Bíblicos são as duas principais revistas bíblicas da América Latina e Caribe. A diferença de que a segunda só é publicada em português, pela Editora Vozes, Petrópolis, RJ.

⁴ Vol. 31, n. 123, jul-set, 2014. As pesquisas dos biblistas aqui mencionados compõem esse número da revista.

mostra em um artigo neste número, junto com Francisco Orofino, como o Frei Gorgulho ensinava Bíblia e quais os fundamentos da Leitura Popular. Uma das bases é conhecer a vida, as relações e os conflitos sociais presentes no texto. É alcançar o sujeito histórico que está por trás do texto. Para tanto, uma forma seria ler o texto bíblico pelos quatro lados: econômico, social, político e religioso/ideológico. Uma vez identificado o rosto dos pequenos, empobrecidos e excluídos da Bíblia, descobre-se também o seu Deus.

1.2. *A importância do estudo do contexto*

A leitura popular da Bíblia, enquanto método, tem como uma das suas preocupações centrais fazer uma leitura contextualizada. Pois, como aprendemos como Carlos Mesters e Francisco Orofino, “a leitura que se faz de um texto depende da leitura que se faz da sociedade”. O que significa que o/a leitor/a deve, antes de adentrar ao texto, fazer a leitura da realidade em que se vive, para depois buscar conhecer o contexto, a realidade popular em que o texto foi gerado. Ou seja, a leitura popular da Bíblia tem como objetivo conscientizar o leitor e a leitora do compromisso que ambos têm com a transformação da realidade do seu povo. O pano de fundo desta leitura é evitar que a religião seja um instrumento de alienação ou de legitimação do *status quo*.

Tomemos como exemplo e ponto de partida o atual estado de descaso dos poderes instituídos frente à trágica situação de povos que são obrigados a migrar fugindo da fome e dos conflitos bélicos. Já se tornou rotina ver em jornais, revistas, sites etc., cenas de pessoas desesperadas querendo entrar nos países assim chamados desenvolvidos da Europa. Pessoas que vem principalmente do Oriente Médio e da África do norte em busca de sobrevivência. E, quando chegam, encontram muros, cercas de arame e polícia. Só no presente ano, o número oficial de vítimas de naufrágios no Mar Mediterrâneo já beira os três mil. Estes números quase nos fazem esquecer a humilhante situação pela que passam os migrantes latinos que tentam entrar nos Estados Unidos e na situação degradante em que vivem os imigrantes que todos os dias chegam ao nosso país.

Não é preciso ser grande analista para saber que a causa da migração é a guerra e a insegurança. E que estas são originadas da extrema pobreza pela qual passam os povos destes países. A miséria faz surgir grupos cada vez mais violentos e extremistas que oferecem um motivo para viver e morrer aos jovens sem esperança. Estes não têm nada a perder quando entram numa organização que lhes promete comida e dignidade. Ou seja, se não houver investimento econômico em larga escala nestes países para que as pessoas não necessitem migrar, não haverá muros e cercas que irão contê-las.

Do outro lado desse mundo da miséria extrema reina a riqueza. Conforme o relatório publicado recentemente pela ONG britânica Oxfam, a renda líquida que só as 100 pessoas mais ricas do mundo, entre elas dois brasileiros, alcançaram entre os anos de 2012 e 2013 foi de 240 bilhões de dólares. Esse total poderia acabar quatro vezes com a pobreza extrema do planeta. O total da fortuna desses cem homens subiu para o inacreditável patamar de 2,1 trilhões de dólares.⁵

Outro cenário tão ou mais absurdo que o acúmulo de riqueza frente à extrema pobreza de milhões de pessoas é a nefasta fabricação de armas. Cada ano são gastos cerca de 1,5 trilhões de dólares na produção de armas, cujo fim é matar vidas.⁶ Este dinheiro seria mais que o suficiente para garantir que todo ser humano tivesse condições dignas de sobrevivência, o que significa: moradia, alimentação, água potável, acesso ao cuidado da saúde, à eletricidade e à educação. Ou seja, seria mais que o suficiente para erradicar a pobreza do planeta.

Sabe-se que o comércio de armas é uma das maiores fontes de renda do sistema de mercado atual. É esse mercado que elege presidentes e determina as guerras. Os maiores produtores de armas são: EUA, Rússia, China, Alemanha, Reino Unido e a França. Exceto a Alemanha, os outros são precisamente os países membros do Conselho de Segurança Permanente das Nações Unidas. São eles que têm direito de veto. Como diz a sigla, esses países são a “segurança permanente” das nações unidas. Parece que essa definição deveria de ser corrigida para Conselho de Segurança Permanente do Capital.

Estas duas situações mostradas anteriormente, de um lado a situação de extrema pobreza e do outro a extrema riqueza, se assemelha muito à parábola do pobre Lázaro e do rico opulão (Lucas 16,19-31). A parábola conta que havia um homem muito rico, um *plousíós*, que se vestia de púrpura e de linho fino e se banqueteara com requinte todos os dias. À sua porta jazia um homem pobre, coberto de úlceras, à espera das migalhas que caíssem da mesa. Os cães vinham lambe-lhe as úlceras. Curiosamente, o nome do homem pobre é Lázaro, que significa “Deus ajuda”, mas a quem o homem rico, sem nome, não era capaz de ajudar. Ainda que o espaço geográfico entre ambos fosse muito pequeno, da mesa à porta da casa. O rico não consegue ultrapassar essa fronteira e cria barreiras para que o pobre não as ultrapasse. Será o mesmo abismo impossível de atravessar que separará os dois na outra vida (v. 26), só que em situações inversas.

O rico opulão dessa parábola pode muito bem ser um desses cem homens mais ricos do mundo atual. É uma lástima que eles não leem o evangelho, talvez

⁵ <https://www.oxfam.org/sites/www.oxfam.org/files/cost-of-inequality-oxfam-mb180113.pdf>

⁶ http://port.pravda.ru/busines/23-08-2013/35176-economia_armas-0/#sthash.1ETmslSt.dpuf

mudassem de atitude, como era a expectativa do autor do evangelho de Lucas, quando se dirigiu aos ricos proprietários helênicos de sua época.

Aqui entra o papel da leitura popular da Bíblia. Ou seja, o porquê de se fazer uma leitura popular da Bíblia. Quem lê a Bíblia não deveria ficar alheio ou fazer vistas grossas às situações escandalosas de injustiça. E de fato, esta é a função da leitura popular da Bíblia, causar indignação dos/as seus/suas leitores/as diante das injustiças e estimular a reflexão que gere ações para superá-las. Foi assim na gestação da teologia da libertação, na qual a leitura popular da Bíblia teve um papel determinante para estimular o debate e a reflexão a cerca da transformação social e política dos países da América Latina.

Ao se referir à hermenêutica da libertação, a pontifícia Comissão Bíblica expressa bem o que se entende por leitura popular da Bíblia na América Latina:

[...] partindo de pontos de vista sócio-culturais e políticos próprios, ela pratica uma leitura bíblica orientada em função das necessidades do povo, que procura na Bíblia o alimento da sua fé e da sua vida. Ao invés de se contentar com uma interpretação objetivante que se concentra sobre aquilo que diz o texto em seu contexto de origem, procura-se uma leitura que nasça da situação vivida pelo povo. Se este último vive em circunstâncias de opressão, é preciso recorrer à Bíblia para nela procurar o alimento capaz de sustentá-lo em suas lutas e suas esperanças. A realidade presente não deve ser ignorada, mas, ao contrário, afrontada em vista de iluminá-la à luz da Palavra. Desta luz resultará a práxis cristã autêntica, tendendo à transformação da sociedade por meio da justiça e do amor. Na fé, a Escritura se transforma em fator de dinamismo de libertação integral (DOCUMENTOS SOBRE A BÍBLIA E SUA INTERPRETAÇÃO, 2005, p. 215).

1.3. O método da leitura popular da Bíblia

Em princípio, o método da leitura popular, como define seu conceito, é deixar e ouvir o povo ler a Bíblia. Esse é o ponto de partida, o pressuposto e o diferencial da leitura latino-americana: o povo lê a Bíblia. Feito isso, o demais vem por acréscimo. Tomemos como exemplo um círculo bíblico, numa comunidade ou numa casa. O primeiro ato é o encontro das pessoas, a acolhida, o abraço, a conversa, as novidades, a partilha dos problemas que existem na família, na rua, no bairro, no trabalho etc. Depois se lê a Bíblia, uma, duas e até três vezes, até que fique claro, e se conversa sobre o texto lido. A espontaneidade, a presença das pessoas amigas e conhecidas facilita a partilha do que se entendeu sobre o texto bíblico e o que Deus pede de nós. O pano de fundo é a conversa inicial durante a acolhida, quando foram abordados os problemas. O terceiro ato será o louvor, o canto e as preces, onde cada um pede a intercessão de Deus. As três partes, a partilha dos pro-

blemas, a leitura da Bíblia e as orações, são um todo que ilumina e fortalece a caminhada de cada um do grupo e o faz partícipe da transformação da sociedade por meio dos pequenos gestos e atitudes do cotidiano. No final ainda tem uma coisa muito importante: a festa. Aqui entra o café, o bolo e o suco que nunca podem faltar num círculo bíblico.

Carlos Mesters faz uso de um texto bíblico para ilustrar esses passos da leitura popular, os discípulos de Emaús (Lucas 24,13-35). Vejamos!

O primeiro passo é ver, ouvir e conhecer a realidade das pessoas (v. 13-24). Jesus antes de começar a ensinar aos dois discípulos pergunta e se informa a respeito dos fatos que preocupam os dois: “Que palavras são essas que discutis entre vocês durante o caminho”? Um deles parece se espantar com tal pergunta: “Você é o único forasteiro em Jerusalém que não sabe das coisas que nela aconteceram nestes dias?”. Jesus insiste e quer ouvir da boca deles o relato dos fatos, por isso pergunta de novo: “Quais?”. Eles então começam a contar a Jesus acerca dos últimos acontecimentos na cidade.

O segundo passo é a reflexão sobre os fatos ocorridos (v. 25-27). A análise da realidade pode precisar da ajuda de pessoas que conhecem melhor as causas dos fatos: “Ingênuos e lentos de coração para crer em todas as coisas que falaram os profetas...”. Jesus se apoia nas informações da Bíblia para analisar os fatos: “E começando por Moisés e por todos os profetas interpretou para eles em todas as escrituras as coisas acerca de si”. As passagens escolhidas por Jesus são dos profetas, que na Bíblia são as pessoas que mais fortemente denunciavam as injustiças sociais cometidas contra o povo.

O terceiro passo é a oração (v. 28-30). Terminada a análise da realidade e do estudo/reflexão, Jesus aparenta querer deixar os dois e seguir seu caminho. Mas eles o convidam a entrar em sua casa. Parece que as palavras de Jesus, seu ensinamento, cativaram os dois caminhantes: “permanece conosco, porque é tarde e o dia já declinou”. Jesus aceita o convite e fica com eles. É um momento muito íntimo da comunidade com Jesus. Entrar na casa é entrar na intimidade das pessoas, da família, da comunidade... É conhecer e dar a conhecer o espaço sagrado onde se vive, como se vive, o que se come e que faz. É entrar no ninho, no lar da pessoa. Assim é a oração. Na hora da refeição, “estando Jesus reclinado com eles, tomou o pão, abençoou e o partiu e deu a eles”.

Quarto passo é a conscientização e a ação, o compromisso que a comunidade vai assumir (v. 31-35): “E então seus olhos se abriram e o reconheceram”. A conscientização leva ao compromisso: “E levantando-se naquela mesma hora voltaram a Jerusalém onde encontraram reunidos os onze com

os demais”. Voltar a Jerusalém é retornar à luta, é voltar à comunidade e para a missão. É testemunhar o resuscitado.

Os quatro passos não são independentes um do outro, mas partes de um todo. O abrir dos olhos não acontece de um momento para outro, mas é uma ação contínua e que acontece aos poucos: “não ardia o nosso coração quando nos falava pelo caminho, quando nos explicava as escrituras?” (Lucas 24,32).

Esse método foi emprestado da sociologia, e é conhecido como Ver, Julgar e Agir. Na América Latina as comunidades cristãs acrescentaram o orar e o celebrar.

1.4. A importância da história

Vimos anteriormente a importância do contexto histórico para a leitura popular da Bíblia. Porém, nos últimos anos o contexto histórico perdeu relevância para o estudo e principalmente para a exegese bíblica. Isso se deve a uma série de fatores. Entre eles está o que poderíamos chamar de confusão criada pelas teorias das fontes. Confusão porque surgiram tantas teorias que se chegou a um determinado momento em que não se sabia mais o que representava o que. Um texto, que para uma escola seria de determinado período, para outra pertencia a outro período. Com isso, a tendência foi o abandono de possíveis fontes e camadas redacionais e a concentração na redação final do texto. A tônica passou, então, a ser mais a forma que o conteúdo, mais a beleza das palavras que o seu apelo. Surgiram novos e variados métodos, mas todos de uma ou outra forma ligados à leitura sincrônica dos textos.

Mas, a causa não foi só isso. O desinteresse pelo contexto histórico não se deu só no estudo bíblico, foi um movimento universal. O fim da época das revoluções, dos sonhos políticos e das transformações sociais influenciou também o estudo e a hermenêutica bíblica. E, assim, a história foi sendo deixada de lado, deixou de ser interessante. Contudo, história tem um papel importantíssimo no desenvolvimento humano. Os erros e acertos do passado são a melhor escola para o aprendizado na jornada humana rumo ao futuro. Menosprezar esse aliado nos torna mais frágeis e mais propensos ao erro e ao sofrimento. Isso vale na mesma dimensão para o estudo bíblico, que é uma pequena parcela da complexa sociedade humana. É necessário resgatar o valor do contexto histórico quando estudamos a Bíblia, tanto do autor ou autores, quanto do leitor ou leitora.

A arqueologia

A arqueologia está intrinsecamente ligada ao estudo da história. No campo da Bíblia, a arqueologia tomou valor quando se começou a estudar

com seriedade a história do povo ou dos povos da Bíblia. Isto é, quando a teologia se deu conta, ou foi obrigada a aceitar, de que ela não era a mãe das ciências. E mais, de que ela precisava daquelas para entender a si mesma. Isso se deu com mais intensidade somente no final do século XIX e princípio do século XX, quando se começou a estudar a Bíblia fazendo uso das ciências. É então que nasce o Método Histórico Crítico, que, como diz o seu nome, é um método que estuda criticamente a história da Bíblia. Esse passo mudou para sempre o estudo bíblico.

Uma destas ciências emprestadas pela teologia e pelo estudo bíblico foi a arqueologia. No princípio bastante timidamente e com muita ressalva, principalmente por parte de grupos contrários ao estudo da Bíblia. Para estes, sendo a Bíblia palavra de Deus, ela não carece de investigação, muito menos com o auxílio de áreas alheias à religião.

Porém, já não era mais possível parar o protagonismo das ciências. E estas foram se intrometendo cada vez mais no estudo bíblico. A arqueologia foi uma das principais. De maneira que já nas décadas de 1920 e 1930, Bíblia e Arqueologia já formavam uma forte parceria. A Palestina, então, foi praticamente escavada de norte a sul. O conflito entre palestinos e israelenses, para essa época, era bem menor que atualmente. Uma das grandes dificuldades enfrentadas pelos arqueólogos foi a localização e identificação dos sítios arqueológicos, pois havia uma carência muito grande de mapas. As únicas referências eram as informações bíblicas, que em muitos casos são incompletas e nem sempre exatas. Uma boa ajuda foi o mapa de Mádaba, um mosaico da época bizantina encontrado na Igreja de São Jorge, em Mádaba, na Jordânia. Esse é o mais antigo mapa da Palestina encontrado até hoje e que auxiliou na localização de alguns sítios arqueológicos.

O desinteresse pela história afetou também a arqueologia do mundo da Bíblia, que, depois do auge dos anos de 1950 a 1970, entrou numa grave crise. Começou, então, o declínio da arqueologia. Na década de 1980 e princípio da década de 1990, muitas escavações foram interrompidas e sítios abandonados, a ponto de o mato tomar conta e de tornar difícil a sua localização. Uma das tarefas do estudante quando chegava à área onde se estimava estar o sítio, era se embrenhar no matagal ressequido à procura do sítio outrora escavado. Era uma aventura. Quando encontrados, se percebia claramente que as escavações eram antigas, de pelo menos vinte ou trinta anos. Eram poucos os sítios onde as atividades arqueológicas continuavam acontecendo, somente os mais importantes, como Meguido e Hazor, onde as escavações praticamente nunca foram interrompidas.

O modo de fazer arqueologia até então também corroborou com a crise. Os métodos tradicionais, somado ao fato de a grande maioria dos arqueó-

logos pertencerem a alguma denominação religiosa ou ao Estado de Israel, que tinham a determinação de confirmar o que dizia a Bíblia, comprometia o resultado das escavações. De maneira que, muitas escolas sérias passaram a ignorar a arqueologia em seus estudos literários da Bíblia.

A partir dos últimos anos do século XX e início do século XXI a arqueologia entrou numa nova fase, agora, com novas técnicas e com um novo olhar, muito mais crítico e realista. Com isso voltam a crescer o interesse pelos resultados da arqueologia e conseqüentemente os investimentos. O interesse pela arqueologia faz renascer aos poucos o interesse pela história. Ou será o renascer da história, que reativa a arqueologia?

Portanto, o interesse pela história interliga a leitura popular da Bíblia e a arqueologia. Enquanto que a leitura popular é uma ferramenta que auxilia no estudo do contexto em que se encontra o/a leitor/a, a arqueologia é uma ferramenta que auxilia no estudo do contexto do texto bíblico. Um é a porta de entrada para o texto bíblico e a outra é a porta de saída.

2.1. A arqueologia e o cotidiano

É comum quando se lê um texto bíblico, que o leitor viaje através das palavras até o ambiente narrado pelo texto. Isso acontece mais fortemente com textos narrativos. O imaginário se aguça e o leitor ou leitora recria o ambiente da narrativa a partir do seu próprio cotidiano vivencial. Imagina-se o espaço geográfico onde as pessoas viviam, na aldeia ou na cidade, como era a casa, o que vestiam e como se vestiam, o que plantavam, o que comiam, como se organizavam, a arte, as festas, danças, mitos, contos etc. Pergunta-se não só pelo mundo material, mas também pelo religioso, pela crença, pelo Deus, pela forma do culto etc. Tudo é associado com o próprio ambiente vivencial do/a leitor/a. Todas as pessoas fazem isso quando leem a Bíblia, pois como seres animados, gostamos e precisamos imaginar. Se pudermos ver, tocar, sentir e conhecer, é ainda melhor.

O texto bíblico muitas vezes traz poucas informações acerca da realidade histórica do cotidiano das pessoas da época da Bíblia. Por isso que, em não poucos casos, quando um local mencionado no texto bíblico é escavado, o descobrimos completamente diferente do que se imaginava. Tomemos como exemplo Silo, local aonde Ana, mulher de Elcana, ia todo ano para levar uma oferta a Javé e fazer um voto para ter um filho (1Samuel 1). Era também em Silo que ficava a Arca de Javé (1Samuel 4). Pelas informações bíblicas, Silo aparenta ser um santuário modesto, no alto de uma colina, onde morava o sacerdote Eli. No entanto, as escavações arqueológicas desenterraram em Silo uma enorme cidade com enormes construções e muralhas. O que revela que Silo era, na verdade, uma grande cidade com milhares de moradores e com um forte potencial econômico.

Como outra ilustração, tomemos um exemplo do Novo Testamento. No evangelho de Marcos, o mais antigo dos quatro, o autor narra a cura do endemoninhado de Gerasa (Mc 5,1-20), fato que Mateus e Lucas, mais tarde, colocam em Gadara (Mateus 8,28-34; Lucas 8,26-39). Pela narrativa do evangelho, Gerasa aparenta ser um pequeno vilarejo no interior da Transjordânia. Contudo, Gerasa é na realidade uma enorme cidade greco-romana situada junto à via real, a 40 km ao norte de Amã. Ela não só fazia parte da famosa liga das dez cidades comerciais mais importantes da região, a decápolis, como era a maior delas. Por esse tempo a que se refere o evangelista, Gerasa deveria ter em torno de 30 mil habitantes, quase o mesmo tanto que Jerusalém.

Portanto, a arqueologia costuma surpreender. Ela tira a terra que esconde as cerâmicas, tira o pó que encobre a sociedade desconhecida. Os objetos de uso cotidiano do povo estão ocultos debaixo da terra e, quando encontrados, dá a impressão de que foram guardados ali para serem conservados e achados. É como se fora uma ação de Deus, para que as gerações futuras pudessem retornar às raízes e refazer as leituras. Graças a eles é possível se ter uma imagem bastante nítida e real de como era a vida das pessoas no seu tempo. Os biblistas da leitura popular costumam dizer que Deus escreveu duas Bíblias: o texto e a natureza. Talvez se pudesse acrescentar uma terceira, a arqueologia.

Enfim, se quisermos fazer um estudo do contexto bíblico, ou uma leitura contextualizada, não se deveria ignorar a arqueologia.

2.2. A arqueologia revela a diversidade cultural

Às vezes ou muitas vezes os textos bíblicos apresentam uma visão unilateral, apresentam a vida social, a cultura e a religião a partir de um ponto de vista exclusivo, e passam essa visão para os/as leitores/as, como sendo a única. No entanto, quando a arqueologia entra em ação, descobre outra realidade, ou pelo menos uma realidade muito mais complexa e diversificada. Isso surpreende e até assusta, principalmente a ortodoxos e fundamentalistas. Estes, por isso, preferem ignorar a arqueologia, pois para eles não é preciso estudar a Bíblia, já está tudo lá. Ou, então, utilizam a arqueologia somente para fundamentar o que diz o texto.

É preciso entender que a diversidade é bonita, é agradável aos olhos. Faz parte da natureza humana o ser diferente. A diversidade é a manifestação do próprio ser de Deus. E o interessante é que a arqueologia tem descoberto, no próprio sentido da palavra, um Israel antigo com uma diversidade tão grande que chega a surpreender até os próprios arqueólogos. No campo da religião, por exemplo, cada dia se está descobrindo novos cultos e novas

divindades. Tomemos como indicativo, entre tantos, os achados de Kuntillet Ajrud, que mudaram para sempre a ideia que se tinha sobre o culto a Javé em Israel. Enquanto a Bíblia busca passar a ideia de que Israel era monoteísta, a arqueologia tem mostrado o contrário. Apesar de que, basta ler nas entrelinhas ou “por detrás das palavras”, como diz Carlos Mesters, para perceber a pluralidade religiosa existente no antigo Israel. Afinal, nenhuma cultura nasce sozinha e do nada, ela sempre é influenciada por outras culturas que deixam nela suas marcas. Por isso, para entendê-la é preciso estudar o seu entorno, estudar os outros povos que a influenciaram. Aqui entra também o papel do estudo de textos apócrifos e extrabíblicos.

Descobrir e reconhecer a diversidade cultural na Bíblia é importante porque ajuda a descobrir e a reconhecer a nossa própria diversidade cultural. É comum pensar que nossa cultura, principalmente nossa religião é pura e imaculada. Mas ela está construída sobre uma diversidade de culturas e crenças tão grande que pode chegar a nos surpreender. Descobrir a diversidade cultural na Bíblia auxilia a ir de encontro às culturas dos nossos países. Aqui cabe perguntar sobre o que conhecemos das culturas latino-americanas. O que sabemos das culturas pré-incas, da cultura moche, da cultura nazca? O que sabemos dos lima, dos huari, dos tiwanaku? Que conhecimento temos dos povos autóctones do Brasil? De maneira que, a arqueologia nas terras da Bíblia deve ser inspiração e impulso para também fazer arqueologia na América Latina e Caribe, a fim de resgatar a cultura e a história dos povos originários destas terras. Esse capítulo ainda precisa ser escrito.

Conclusão

A importância da leitura popular está no fato de que ela se preocupa com a leitura contextualizada, tanto da realidade do/a leitor/a como do texto bíblico. O estudo do contexto do/a leitor/a é o ponto de partida, a porta de entrada, para a leitura do texto bíblico. Por sua vez, o estudo do contexto do texto bíblico tem a finalidade de ser inspiração para a compreensão e ação do/a leitor/a em seu ambiente a favor dos que vivem à margem da sociedade. Por isso, popular. A leitura que se faz do texto bíblico depende da leitura que se faz da realidade onde se vive e vice-versa.

Uma importante ferramenta para o estudo do contexto bíblico é a arqueologia. Ou seja, como as informações que o texto bíblico traz sobre o seu contexto são limitadas, é necessário recorrer à arqueologia para compreender o contexto em que o texto bíblico foi gerado. De forma que, a diligência da história aproxima a leitura popular e a arqueologia.

Evidentemente que o olhar da arqueologia não é isento de interesse. Ou seja, é comum que os arqueólogos estejam à procura de grandes construções,

palácios, templos, muralhas etc., monumentos que testemunham a grandeza do poder da elite dominante. Faz falta uma arqueologia que pergunte pela forma de vida do povo da periferia das cidades, do campo e das aldeias. Ou que, diante das grandes estruturas pergunte: quem foi que construiu isso? Destarte, uma arqueologia popular. Somente esse olhar crítico irá despertar o interesse também pela história e cultura dos povos autóctones latino-americanos.

Referências bibliográficas

CNBB. *Documentos sobre a Bíblia e sua interpretação*. São Paulo: Paulus, 2005.

Estudos Bíblicos, vol. 31, n. 123, jul-set, 2014.

SCHWANTES, M. “Apresentação”, *RIBLA*, Petrópolis, vol. 1, n.1, 1988.

Submetido em: 24/09/2015

Aceito em: 21/10/2015